

USOS DO PASSADO NAS COMEMORAÇÕES DO ISEPAM: ENTRE O ENQUADRAMENTO E A MANIPULAÇÃO DE MEMÓRIA

Laís Pessanha Simão*

Este trabalho tem como objetivo central a análise dos diferentes usos da memória do ISEPAM presente nas comemorações de seu aniversário, todavia, é relevante fazer um apanhado histórico sobre a instituição, de modo a apresentar as alterações e eventos que marcam sua trajetória. Através da exposição da história do Instituto, é possível compreender também sua relevância para a região onde se encontra, uma vez que ela é considerada uma referência em instrução docente no seu município e nos municípios vizinhos, devido a suas décadas de contribuição com a formação de professores, já tendo sido vista como centro de excelência em educação (CRESPO, 2009, p. 31).

Para a melhor compreensão da problemática, é necessário contextualizar o surgimento das escolas normais no Brasil, que são criadas para atender à demanda por profissionais capacitados para atuar na educação primária, uma vez que já haviam tentativas de ampliar este segmento do ensino por meios legais. A primeira medida foi a promulgação da Lei de 15/10/1827¹⁷⁷, que ordenava a criação de escolas de primeiras letras nos lugares mais populosos do Império, além de demonstrar preocupação com a adequação física dos espaços escolares e com a instrução dos professores¹⁷⁸.

* Mestranda em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa.

¹⁷⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio.&text=1%C2%BA%20Em%20todas%20as%20cidades,primeiras%20letras%20que%20forem%20necess%C3%A1rias. Acesso em 23/03/2021.

¹⁷⁸ TANURI, Leonor Maria. "História da Formação de Professores". *Revista Brasileira de Educação*, Mai/Jun/Jul/Ago 2000 nº 14, p. 63.

A primeira escola normal brasileira se estabeleceu em Niterói em 1835, sendo seguida tempos depois pelas demais províncias que criaram também suas escolas de formação de professores do ensino primário. Importante citar que a maioria dessas instituições tiveram suas atividades encerradas um curto período após seu início e, por vezes, eram reabertas. Esse recorrente movimento de extinção das escolas normais se dá, na justificativa dos presidentes de províncias e – posteriormente – governadores, devido à pouca procura pelo curso e pela grande desistência dos alunos, o que gerava um baixo retorno para o grande investimento empregado para a sua criação e manutenção, uma vez que eram poucos os profissionais formados¹⁷⁹.

A Escola Normal de Campos (ENC) foi criada em 1894 pela lei nº 164, de 26 de novembro, mas iniciou suas atividades apenas em abril de 1895 no prédio do atual Liceu de Humanidades de Campos. Apenas alguns anos depois teve suas atividades interrompidas por motivos de custeio, como esclarece o trecho do telegrama do governo do estado justificando as medidas da Reforma de Instrução do Estado do Rio de Janeiro de 1900, que possibilitou a extinção da Escola Normal de Campos:

Entretanto, foi completamente iludida a expectativa geral e o ensino normal [...] tornou-se elemento oneroso aos cofres públicos. Senão vejamos: em 1891 a despesa feita com o ensino normal foi de 36:335\$144, em 1893 foi de 65:875\$003. [...] Em 1898 foi de 143:950\$000. Só em 1897 foram, pela primeira vez no novo regime, diplomadas nove professoras pela Escola Normal de Nitheroy. Em 1898 diplomaram-se doze professoras, sendo sete pela Escola Normal de Nitheroy e cinco pela Escola Normal de Campos. [...] Portanto, o estado diplomara, neste quinquennio, vinte e um professores primários, dos quaes até essa data apenas três exercem o magistério público em suas escolas. Cada professor veio a custar aos cofres públicos 23:928\$360, e a totalidade dos displomados, vinte e um, custou 481:493\$737¹⁸⁰.

Como reação ao fechamento da Escola Normal de Campos, foi criada a Escola Normal Livre, uma vez que o município já carecia de uma instituição do gênero, já que Campos e os municípios vizinhos contavam com boa quantidade de escolas primárias e grupos escolares que seriam atendidos pelos docentes formados pela Escola Normal de Campos¹⁸¹. A Escola Normal Livre foi financiada por iniciativa privada com apoio da Câmara Municipal, porém teve um curto tempo de existência, já que a outra escola normal foi reestabelecida em 1901¹⁸².

¹⁷⁹ SAVIANI, Dermeval. “Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro”. *Revista Brasileira de Educação* v. 14 n. 40 jan./abr. 2009, pp. 144-145.

¹⁸⁰ Extinção da Escola Normal. *Monitor Campista*. Campos dos Goytacazes, 13 de fevereiro de 1900. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030740&pesq=&pagfis=19595>. Acesso em 23/03/2021.

¹⁸¹ RODRIGUES, Rodrigo Rosselini. *Formando os Cidadãos Fluminenses: a escola primária no estado do Rio de Janeiro durante a Primeira República*. Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019, p. 96.

¹⁸² *Ibidem*, pp. 98, 108.

Outro ponto relevante na trajetória da Escola Normal de Campos é o período da Reforma Capanema que cria a Lei Orgânica do Ensino Normal (Decreto-Lei nº 8.530, de 2/1/1946), que estabelece novas diretrizes para as escolas normais e os institutos de educação, que possuíam a mesma função de preparação docente. Essa lei se torna um complicador para a manutenção da Escola ao exigir que todos os cursos de formação docente para a educação primária funcionem em uma instituição que abrigue também um grupo escolar e um jardim de infância, para que servissem como colégio de aplicação dos estudantes. Dessa forma, a lei leva a um segundo fechamento da ENC, que não atendia à nova demanda, pois não possuía colégio de aplicação¹⁸³.

Como resultado indireto desta Lei Orgânica, estabeleceu-se o Instituto de Educação de Campos (IEC) pelo Departamento do Ensino Médio que pertence à Secretaria de Estado de Educação e Cultura (SEEC/RJ), fundado pela Lei nº 2.146 de 12 de maio de 1954. Em 1955 o IEC inicia suas atividades no prédio do antigo Grupo Escolar Saldanha da Gama, que foi incorporado ao Instituto. Para as intenções do projeto é importante apontar as diferenças entre a Escola Normal de Campos e o Instituto de Educação de Campos. Além das novas diretrizes legais, o espaço físico que ocupavam se diferenciam em muito, já que a primeira ocupou o prédio de uma antiga residência em local nobre da cidade e o segundo foi abrigado em uma construção feita para ser um prédio escolar em região mais periférica. Apesar de parte do corpo docente ter se mantido, dado ao fato de que as alunas da Escola Normal de Campos tenham sido transferidas para o Instituto de Educação de Campos, o corpo escolar era quase completamente novo, devido aos alunos do grupo escolar e ao outro conjunto dos profissionais¹⁸⁴.

Acerca das alterações pelas quais passou o Instituto de Educação de Campos podemos pontuar algumas como a sua alteração de nome para Instituto de Educação Professor Aldo Muylaert¹⁸⁵ em 1965, e sua passagem para a Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) em 2001, órgão estadual. No ano seguinte, inaugura o curso Normal Superior, que provoca

¹⁸³ CRESPO, Regina Márcia Gomes. Políticas Educacionais e Magistério em Terras Fluminenses: Itinerário Sócio-Histórico do Curso de Formação de Professores no Instituto de Educação de Campos, nas décadas de 1950-1960. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2009, pp. 65-66.

¹⁸⁴ Ibidem.

¹⁸⁵ Docente formado durante a primeira década do século XX na Escola Normal de Campos (CRESPO, 2009, p. 52), Aldo Muylaert foi diretor do Ensino Médio da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro (SEEC/RJ) em meados dos noventa (ibidem, p. 87), período em que ocorreram significativas alterações estruturais dos cursos normais.

nova alteração do nome da instituição, agora para Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert, como é intitulado até hoje. Em 2009, o Normal Superior se torna a Licenciatura em Pedagogia, curso ainda presente na instituição.

Atualmente o Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert oferece diversos segmentos de ensino, que vão desde a Educação Infantil até a pós-graduação em Gestão Escolar, passando pelo Ensino Fundamental e Médio, que inclui a Formação Geral e o Curso Normal, além da Licenciatura em Pedagogia e dos cursos técnicos em Secretaria Escolar e em Informática. O Instituto também oferece cursos abertos à comunidade, como os de línguas e violão. Estima-se que estejam matriculados cerca de quatro mil alunos, divididos nos diferentes cursos¹⁸⁶.

É notável o fato de que o prédio do antigo Grupo Escolar Saldanha da Gama, que abriga o ISEPAM, foi tombado como patrimônio de Campos pelo Conselho de Preservação do Patrimônio Municipal (COPPAM), através da resolução nº 005/2013, em virtude de seu valor arquitetônico, todavia ainda não foram realizadas obras de restauro ou manutenção específica para a construção.

Em sua dissertação Políticas Educacionais e Magistério em Terras Fluminenses, Regina Márcia Crespo (2009) fala amplamente, utilizando diversos relatos de ex-alunos e ex-funcionários, da relevância social que possuía o Instituto. Símbolo de prestígio e possibilidade de independência financeira, principalmente para as jovens mulheres, o diploma como professora era um sonho não apenas para os estudantes que almejavam o curso, mas, também, para seus familiares (CRESPO, 2009: 134).

A questão sobre a comemoração do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert surge a partir da averiguação de um conflito apresentado na data elencada para a celebração de aniversário, uma vez que maio, mês em que esta ocorre atualmente, não é o mês de criação ou de início das atividades da escola. Também é incerto o tempo de existência que designam para o Instituto, já que hoje em dia consideram o início do colégio a partir de 1895 - ano de início das aulas da Escola Normal de Campos -, mas em 1994 consideravam a partir de 1954 - ano de desvinculação da Escola Normal de Campos do Liceu de Humanidades de Campos e criação do Instituto Educação Campos, o que será discutido mais adiante. Assim, no último dia 12 de maio, o Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert comemorou

¹⁸⁶ VÍDEO comemorativo dos 125 anos do ISEPAM. Roteiro: Mirian Carvalho de Araújo. Disponível em: <https://www.facebook.com/905856209437096/videos/3050185215061793/>. Acesso em: 20/03/2021.

126 anos de existência¹⁸⁷, e para analisar o porquê desta data poder ser considerada uma problemática de investigação começemos pela idade atribuída à instituição. Para que tenha 126 anos, o Instituto deve considerar 1895 como início de sua trajetória, ano em que iniciaram as atividades da Escola Normal de Campos, vinculada ao Liceu de Humanidades de Campos.

Apenas esse fator já faz a comemoração ser questionável, uma vez que considera a Escola Normal de Campos e o Instituto de Educação de Campos, que veio a se tornar Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert, como uma mesma instituição, o que, a partir da exposição do histórico dessas duas escolas feito acima parece contraditório. Não se nega aqui, entretanto, a relação entre as duas instituições, já que uma, o Instituto de Educação de Campos, foi criada, muito provavelmente, devido ao fechamento de outra, a Escola Normal de Campos. E esse movimento legal de encerramento das atividades de um instituto e criação de outro que mostra a distinção dessas instituições, visto que não foi apenas uma mudança de endereço e de nome, como pode ser interpretado em uma leitura menos atenta a essas questões.

O IEC apresenta grandes diferenças em relação ao curso de formação docente que existiu junto ao LHC, além de suas diretrizes legais. Em outro prédio, já construído para servir como espaço escolar, situado em área periférica na cidade, o IEC vinculava-se a outras instituições e deixava de ter relações com o tradicional Liceu para se unir ao recém-criado Saldanha da Gama. Mesmo que os alunos da ENC tenham se transferido para o IEC, as relações a serem estabelecidas na nova instituição em muito se diferiam daquelas criadas no espaço do LHC, uma vez que o corpo de funcionários e os cursos com os quais dividia as dependências do prédio eram outros.

Cabe destacar que esta mudança não foi bem recebida pelos estudantes da ENC, que se mostraram relutantes com a transferência de uma instituição tradicional que conferia status aos estudantes, o LHC, para uma instituição recém-criada e localizada em área periférica da cidade, o que significava para os normalistas uma perda de prestígio do curso. Este período gerou, também, uma sensação de perda de identidade devido às mudanças legais, espaciais e sociais que enfrentaram na sua formação, que foi se amenizando à medida que novos laços foram criados com os novos grupos que compunham a instituição (CRESPO, 2009, p. 69-71).

Durante a pesquisa sobre o ISEPAM, averiguou-se um conflito na atual data elencada para a celebração de aniversário, a partir da dissertação da Márcia Regina Crespo (2009), que

¹⁸⁷ VÍDEO comemorativo dos 125 anos do ISEPAM. Roteiro: Mirian Carvalho de Araújo. Disponível em: <https://www.facebook.com/905856209437096/videos/3050185215061793/>. Acesso em: 20/03/2021.

traz o registro da comemoração de 40 anos do Instituto, ocorrida em março de 1994. Dessa forma, a problemática sobre o uso da memória nesse ato comemorativo surge devido a mudança na celebração, uma vez que é em maio que esta ocorre atualmente, apesar de não ser o mês de criação ou de início das atividades da escola. Também é incerto o tempo de existência que designam para o Instituto, já que para que o ISEPAM tenha comemorado 125 anos de existência em 2020, o Instituto deve considerar 1895 como início de sua trajetória, ano em que iniciaram as atividades da ENC, vinculada ao LHC. Apenas esse fator já instiga a análise proposta neste trabalho, uma vez que considera a ENC e o IEC, que veio a se tornar ISEPAM, como uma mesma instituição, o que, a partir da exposição do histórico dessas duas escolas feita no primeiro tópico deste artigo, parece-nos incoerente. Não se nega aqui, entretanto, a relação entre as duas instituições, já que uma, o IEC, foi criada, muito provavelmente, devido ao fechamento de outra, a ENC. E é justamente esse movimento de encerramento das atividades de um instituto e criação de outro que mostra o nosso ponto aqui, visto que não foi apenas uma mudança de endereço e de nome, como pode ser interpretado em uma leitura menos atenta a essas questões.

Para reforçar esse aspecto, é importante lembrar que, para além da nova localização, existiam outras diferenças entre a ENC e o IEC, como o corpo de funcionários e os cursos com os quais dividiam o prédio, uma vez que a ENC convivía com os liceístas e o IEC com um jardim de infância e um grupo escolar. Aqui podemos imaginar que a rotina dos normalistas transferidos de uma instituição para outra se alterou bastante, o que deve ter contribuído para o estranhamento e rejeição a essa mudança, tendo em vista que, para eles, parecia significar um enfraquecimento de sua identidade (CRESPO, 2009: 69-70). Essa reação é compreensível, pois esse período de rompimento de laços, físicos e sociais, apresentou-se como ameaça aos três fatores que Pollak (1992) afirma que constituem o sentimento de identidade, apresentados no tópico anterior.

Pode-se perceber a oposição entre a ENC e o IEC por meio da análise do conceito de cultura escolar, trabalhado por Antonio Nóvoa (1992). O autor apresenta que apesar das escolas estarem inseridas numa estrutura mais ampla, recebendo influências socioculturais de onde se encontram e do órgão que as supervisiona, cada uma desenvolve uma cultura própria que inclui desde a organização física do seu espaço até as manifestações visíveis ou não que afetam os sujeitos escolares, que é o que chamamos de cultura escolar. Assim, podemos compreender que a cultura escolar existente nos anos anteriores à extinção da ENC se difere da que foi

construída nos primeiros anos do IEC, uma vez que os elementos que as compõem – a localização espacial; o local de instalação; o corpo escolar e as relações que se estabelecem; os regimentos do curso normal que passaram a incorporar a exigência de colégios de aplicação – se alteraram. A percepção de ruptura pelos normalista causada pelo fechamento da ENC e abertura do IEC é outro indicativo da mudança da cultura escolar, como demonstram as entrevistadas para a dissertação de Crespo (2009).

Além de todos os aspectos que se incluem nas organizações internas às duas instituições, há, também, todos os aspectos curriculares e legais referentes às leis e aos decretos que provocaram o encerramento das atividades da ENC e a criação do IEC, o decreto-lei nº 8.530, de 2/1/1946 e a lei nº 2.146 de 12 de maio de 1954, respectivamente. Dessa forma, apesar da forte conexão entre as instituições, não as devemos tratar como uma mesma escola.

Utiliza-se como fonte para este trabalho uma edição especial do Jornal Dimensão, produção dos estudantes do então IEPAM, criado na década de 1980 para servir como um meio de registro e divulgação das atividades desenvolvidas pelos alunos e professores da instituição (CRESPO, 2009: 117-118). A edição aqui mobilizada data de março de 1994 que é publicada em comemoração ao aniversário do Instituto, contando com relatos e homenagens de seus funcionários e estudantes (CRESPO, 2009: 118-132). Todavia, o que é essencial para a discussão deste artigo é como a problemática da comemoração atual do aniversário da instituição se torna evidente a partir da leitura desta edição, uma vez que celebra os 40 anos de existência do Instituto.

As duas datas de celebração do aniversário evidenciam o conflito que nos faz cogitar a possibilidade de manipulação da memória relativa ao ISEPAM e nos faz questionar: em algum momento após 1994 a data de comemoração foi alterada? Em caso afirmativo, por que se comemora atualmente os anos de existência que a ENC teria e não o IEC? Como se chegou a uma data de comemoração que, aparentemente, combina ano com dia e mês que correspondem a acontecimentos distintos?

Inegável é o fato de que já foi comemorado o aniversário em datas diferentes. A de 40 anos do então IEPAM realizada em 1994, não nos apresenta sozinha, até o momento, nenhuma questão, ao contrário da atual que, além de indicar uma ruptura no período da comemoração, possui uma data discutível pelas razões já postas. Trabalhando com a ideia de uma mudança de data posterior a 1994, perguntamo-nos as razões da alteração que incorpora quase sessenta anos à História da instituição e se este foi um processo de manipulação da memória a ela vinculada.

Nesse sentido, a pesquisa busca entender por que a escola faz o resgate da história do ENC e a incorpora à trajetória do ISEPAM. Para isso, observa-se o período em que a alteração da comemoração ocorre, recorte estabelecido entre 1995, que é o ano posterior ao ano do registro da celebração mobilizado na pesquisa e o início dos anos 2000. Nesse mesmo período podemos observar uma crise no ISEPAM, uma vez que nessa época começam a surgir mais cursos de formação docente a nível superior na região, a pedagogia e demais licenciaturas, e o curso normal a nível médio passa a ser considerado paulatinamente um curso de formação de professores um pouco ultrapassado.

Nesse período o ISEPAM passa para a FAETEC, que é um órgão estadual que gera o receio de a escola ter que passar a educação infantil para a prefeitura de Campos, já que os municípios geralmente são os encarregados do Fundamental I e da Educação Infantil. Então tem o risco de o curso normal perder seu colégio de aplicação, além do risco de o próprio curso normal parar de existir já que a procura se reduziu muito e por destoar dos cursos profissionalizantes da Rede FAETEC.

Apesar dessa crise afetar mais o CN, a pesquisa a compreende como uma crise do ISEPAM justamente pelo curso ter uma centralidade grande na escola, dentro da narrativa que se faz sobre a sua história. Isso pode ser verificado a partir dos trabalhos que versam sobre o ISEPAM, que não são muitos, mas principalmente a partir da dissertação da Márcia Regina Gomes Crespo, que fez uma série de entrevistas com ex-alunas e de funcionários da instituição que estudaram e trabalharam lá nesse período, e que percebem este momento como uma crise do curso normal e também da instituição como um todo, dado o papel que o curso desempenha na instituição, de acordo com eles.

O ISEPAM também faz apelo ao seu caráter de formação docente, que teria sua origem da ENC. Na apresentação da instituição presente no seu site, há um discurso que coloca a filosofia da escola em proximidade à formação docente e apresenta desejo de que “a vocação institucional de preparo para o magistério seja um pilar que sustente os anos que virão”. O ISEPAM tenta se renovar nesta área, seguindo as demandas que surgem. Nesse período de crise também é implementado o Normal Superior que se torna a Pedagogia anos depois. Atualmente tem a pós-graduação em Gestão Escolar e também um curso de secretária escolar, cursos próximos à educação e à questão escolar.

A pesquisa faz essa relação entre a alteração do aniversário, deste novo enquadramento da memória e essa crise do ISEPAM, não apenas por o período ser o mesmo, mas justamente

porque os autores que trabalham com o conceito de memória, como Paul Ricoeur, na Helenice Silva quando falam das comemorações, e do Pierre Nora quando fala de lugar de memória. Estes autores afirmam que é justamente nos momentos de crise que retornamos ao passado e mobilizamos as memórias, fazendo novos usos e enquadramentos a partir daquilo que determinado grupo pensa ser necessário para o momento que atravessa. Então a pesquisa compreende essa comemoração do aniversário do ISEPAM como um uso da memória da instituição e como uma forma de rememorar alguns fatos do passado da instituição a partir de demandas e significados estabelecidos no presente.

No caso do ISEPAM, temos esse novo enquadramento que inclui a ENC à memória do ISEPAM como se fossem uma mesma instituição no momento de uma crise e incerteza em relação ao futuro que pode ter sido decisivo para essa alteração. Essa mudança parece atribuir mais valor à instituição, aumentando seu “valor de anciandade”, passando a ser centenária e uma das primeiras instituições de formação docente do estado do Rio de Janeiro.

E, por último, a pesquisa aproxima esse novo enquadramento da memória à noção de abuso e manipulação da memória. Cabe esclarecer que o uso do termo manipulação aqui é devido ao seu emprego autores mobilizados na discussão teórica da pesquisa, e que se evita o juízo de valor, apesar do termo ser comumente visto de forma negativa, atrelado a atitudes maldosas e perversas. Faz-se essa aproximação pois os autores que utilizados neste momento defendem que o uso da memória é apenas uso até o momento em que seu enquadramento for feito com escolhas de lembranças e esquecimentos que não descaracterizem aquilo a que a memória faz referência.

Pensando no exemplo que a Helenice Silva cita no artigo Rememoração/Comemoração, a comemoração de 500 anos do Brasil em 2000 por abusar do esquecimento da violência em seus vários sentidos e formas que encontramos ao longo da História do país e construir a narrativa de Brasil como paraíso tropical o descaracteriza e se torna então uma manipulação da memória.

No caso do ISEPAM, a nova comemoração, ao incorporar quase seis décadas da história de outra instituição à sua trajetória descaracteriza em muito a memória transmitida até a década de 1990. Isso porque neste período a escola compreendia a ENC e o instituto que viria a se nomear futuramente como ISEPAM como instituições relacionadas mas diferentes, e posteriormente a escola passa a enxergar essas duas escolas como uma única, deixando de ver a década de 1950 como um período de ruptura e o enxergando agora mais como apenas mais

uma mudança de denominação da escola. Assim, a pesquisa objetiva entender as razões dessa nova forma de entender esse período, de encerramento da ENC e criação do IEC, e suas relações com o contexto de “crise”, da passagem dos anos 1990 para os anos 2000, vivido pela escola no momento do surgimento dessa nova forma de ver o passado da instituição.

As hipóteses com que trabalho são, então, que a alteração da comemoração do aniversário do ISEPAM objetivou agregar valor à instituição como reação ao período conturbado pelo qual passava; e que a inclusão da trajetória da ENC à história do ISEPAM, colocando essas duas instituições como uma só, fortalece o discurso sobre a vocação do Instituto para a formação para o magistério.

Há também a hipótese de que a nova narrativa sobre a história do ISEPAM contribuiu para o tombamento de seu prédio por reforçar o seu valor de ancestralidade e a possibilidade deste ser considerado um *lugar de memória*. Essa hipótese se constituiu a partir da verificação de que a data de comemoração do aniversário do ISEPAM foi alterada entre os anos de 1995 e 2010. Também se verificou que o tombamento do prédio que abriga a instituição foi ocorrido em 2013, então provavelmente após o reenquadramento da memória do Instituto. Assim, há possibilidade de uma relação entre os dois acontecimentos. Para comprovar ou refutar essa hipótese, buscamos mais informações sobre o processo de patrimonialização do prédio, uma vez que a resolução publicada no Diário Oficial da época é muito vaga sobre as motivações do tombamento dele e de mais de 50 outras construções tombadas pelo mesmo decreto.

Referências

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <https://url.gratis/BxyWc>. Acesso em: 28/10/2021.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: contexto, 2001.
- CHUVA, Márcia. “Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil”. *Revista do IPHAN*, n.34, p.147-165, 2012.
- CRESPO, Regina Márcia Gomes. *Políticas Educacionais e Magistério em Terras Fluminenses: Itinerário Sócio-Histórico do Curso de Formação de Professores no Instituto de Educação de Campos, nas décadas de 1950-1960*. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2009.

- EDIÇÃO Especial de Aniversário. *Jornal Dimensão*. Campos dos Goytacazes, mar. 1994.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HARTOG, François, “Tempo e Patrimônio”. *Varia Historia*, vol. 22, nº 36. Belo Horizonte, 2006.
- JULIA, D. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. SBHE, Campinas: Autores Associados, No. 1, jan./junho, 2001.
- LOPES, Sonia de Castro. MARTINEZ, Silvia Alicia. “A Emergência de Escolas Normais no Rio de Janeiro do Século XIX: Escola Normal do Município da Corte e Escola Normal de Campos”. *Revista Brasileira de História da Educação*, nº 15 set./dez. 2007.
- LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos Periódicos”. In.: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo. Editora Contexto, 2008, p. 111-154.
- MARTINEZ, Silvia Alicia et al. “Arquitetura, Escola e Memória: o edifício do Liceu de Humanidades de Campos”. *Cadernos de História da Educação*, nº. 5 – jan./dez. 2006;
- NAME, Leo e ZAMBUZZI, Mabel. Notas inconclusivas sobre raça, arquitetura e colonialidade do patrimônio material e imaterial. *Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia*. Dossiê: Giro decolonial, Parte 1: Artes visuais, arquiteturas e alteridades. Volume 3, número 1, 2019, p.118-140. ●
- NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Proj. História*, São Paulo (10), p. 7-28, dez. 1993.
- POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro. v. 5. n. 10, p. 200-2012, 1992.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RIEGL, Alois. *O Culto Moderno dos Monumentos: a sua essência e a sua origem*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RODRIGUES, Rodrigo Rosselini. *Formando os Cidadãos Fluminenses: a escola primária no estado do Rio de Janeiro durante a Primeira República*. Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2019.
- SAVIANI, Dermeval. “Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro”. *Revista Brasileira de Educação* v. 14 n. 40 jan./abr. 2009, p. 143-155.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. “‘Rememoração’/comemoração: as utilizações sociais da memória”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.
- VASSALLO, Simone; CICALO, André. Por onde os africanos chegaram: o Cais do Valongo e a institucionalização da memória do tráfico negreiro na região portuária do Rio de Janeiro. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 239-271, jan./jun.2015.
- VELHO, Gilberto. “Patrimônio, negociação e conflito”. *Mana*, 12(1), p. 237-248, 2006.
- VÍDEO comemorativo dos 125 anos do ISEPAM. Roteiro: Mirian de Araújo, Campos dos Goytacazes, 2020. Disponível em: <https://url.gratis/E18ntN>. Acesso em: 20/03/2021.